

# Revista Filosófica de Coimbra

---

VOL. 1 • N.º 1 • MARÇO 92

ISSN 0872-0851

---

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Do Biocentrismo à Bioética ou da Urgência de um Paradigma holístico*

AMÂNDIO A. COXITO - *A Crítica do Inatismo segundo Luís A. Vernei*

FRANCISCO V. JORDÃO - *Natureza, Sentido e Liberdade em Kant*

MARINA R. THEMUDO - *Solipsismo. Viagens de Wittgenstein à volta de uma Questão*

JOSÉ REIS - *Sobre o Conceito de Ser*

LUÍSA PORTOCARRERO F. SILVA - *Da Fusão de Horizontes ao Conflito de Interpretações: a Hermenêutica entre Gadamer e Ricoeur*

FERNANDA BERNARDO - *O Dom do Texto: a Leitura como Escrita - o Programa gramatológico de Derrida*

(p. 72); a interpretação filosófica de Orígenes divide-se hoje também entre as dimensões física e soteriológica (p. 72); não é de aceitar sem especificação que o Cristianismo ocupou uma forte posição no Império “assim que as perseguições terminaram” (p. 95); além da relação de Agostinho com os Capadócioc estudamos hoje em dia com proveito a relação daquele com Orígenes (p. 126); etc. Depois, mesmo que por razões meramente financeiras se aposte em pequenos trabalhos de divulgação como este, porque não apresentar uma edição com bibliografia actualizada e adaptada ao universo lusófono? Parece-nos lamentável, e. g., que o editor omita os trabalhos de autores portugueses e brasileiros ou que se esqueça de indicar a existência de uma tradução portuguesa da *Paideia* (Lisboa, 1975), uma vez que trinta anos depois esta tradução das preleções de W. J. só interessará aos não especialistas, precisamente aqueles que carecem de informações adicionais. Teria sido desejável acrescentar um índice analítico.

Algumas notas de leitura, para terminar: -p. 18, n. 8, não há razão para entre nós grafar *Libertino* em vez de *Libertinos*, na sequência aliás de Cirenaios, etc...; p. 25, n. 28: deve ler-se “carta” e não “careta de Paulo”; -*ibid.*, n. 29: o trad. poderia ter remetido ao menos para o artigo de J. Pépin no segundo volume da *História da Filosofia* de F. Châtelet, já traduzida entre nós (Lisboa, 1974, p. 15- 48); -p. 49, n. 21: citação incompleta e por isso incompreensível; -p. 82, l. 25: deve ler-se “é na realidade”; -p. 95, l. 20: deve ler-se “e se não”. As restantes gralhas (p. 15, 18, 22, 37, 51, 62, 73, 86) são de correção fácil.

Mário A. Santiago de Carvalho

Daniel O. GAMARRA, *Esencia y Objeto* (Publications Universitaires Européennes. Série XX: Philosophie, vol. 321), Peter Lang, Berna-Francoforte s. Main-Nova Iorque-Paris, 1990, 388 p.

Daniel O. Gamarra [-Caffieri], professor de História da Filosofia Moderna do Departamento de Filosofia da secção de Roma da Universidade de Navarra e do Ateneu Romano da Santa Cruz, acaba de publicar um interessante exame ao modo como, a partir da tradição aviceniana, a pergunta pela essência e pela sua consistência enquanto conhecida se desdobra numa dupla perspectiva: a primeira, relativa à natureza metafísica da essência, a outra, relativa à essência enquanto tema de objectividade. Optando por uma “leitura especulativa da história” (p. 357), com este seu estudo retrospectivo de apreciável poder analítico, este investigador argentino contribui positivamente para a dilucidação daquele duplo desdobramento. De facto, paralelamente ao esclarecimento do *quod quid est* encontra-se a questão do seu conhecimento sendo possível detectar nos autores estudados (Avicena, Egidio Romano, João Duns Escoto, F. Suarez e R. Descartes) uma tradição fundamental comum que dá que pensar precisamente no que toca ao difícil equilíbrio das duas perspectivas perante o problema essencial do fundamento e, portanto, da existência. Se na linha de uma identificável tradição contemporânea se acusa a metafísica da essência de esquecer a existência - (“la metafísica de la esencia (...) no tiene recursos para justificar el alcance real de la afirmación de la realidad”, p. 355) -, além de demarcar, através da polémica histórica da distinção entre essência/existência (p. 64-102), o modo como tal tradição constituiu uma metafísica do objecto (entendido este como “aparecimento mental da essência”) - no prolongamento da temática da *realitas objectiva* de Avicena a Descartes, passando pela distinção suareziana entre realidade formal e realidade objectiva, na “coincidência fundamental”, apesar das diferenças, entre o conceito objectivo de Suarez (p. 214- 36) e a “ideia” cartesiana (p. 269- 304) - o A. acaba

por reconhecer em toda esta tradição uma manifesta incompreensão para com o acto cognoscitivo. Contra tal incompreensão, radicável enfim na “perda da realidade do acto”, ele procurará “recuperar a dimensão da intencionalidade a partir da descrição da actividade cognoscitiva entendida como acção imanente” e - seja-nos permitido sublinhar - a consequente “irredutibilidade do ser em acto ao ser em pensamento” (p. 323- 53). Após o trabalho que E. Gilson dedicou ao papel do pensamento medieval na formação do sistema cartesiano, este tipo de indagações retrospectivas - que no caso, como nos informou por escrito o prof. Gamarra, nasceu da necessidade de estudar os antecedentes medievais da temática do “ser objectivo”, tema da sua dissertação doutoral - tornou-se plenamente justificável e necessário na medida em que teimam em persistir irritantes equívocos e preconceitos ignorantes no que toca à filosofia “pré-moderna”. Num trabalho recentemente publicado em que as primícias da situação intelectual contemporânea são colocadas entre os anos 1250 e 1350, A. de Muralt escreve com toda a pertinência não ser possível já vermos “em Descartes ‘o pai da filosofia moderna’ porque o seu pensamento, quando comparado com as suas origens medievais, surge manifestamente como um dos produtos mais compostos do pensamento escolástico tardio. De igual modo, mostra-se como evidente que a reflexão de Bolzano, de Brentano, de Husserl, de Frege ou de Wittgenstein correspondem à mesma estrutura de pensamento filosófico que à da tradição escotista na qual se inscreve um Gregório de Rimini, p. ex...” (*L’Enjeu de la Philosophie Médiévale*, Leiden, 1991, p. xi) E mais adiante (p. 27): “Nunca nenhum conjunto de obras fundamentais foi durante tanto tempo tão sistematicamente, tão continuamente e tão fanaticamente mal avaliada como o pensamento medieval. O excesso no desprezo só teve comparação com o excesso de elogios para com aquele que, por contraste, passou por ser o mestre da filosofia moderna, Descartes, o qual porém pertence, em todos os traços da sua fisionomia intelectual, à escolástica mais composta, que os derradeiros séculos medievais elaboraram.” Ora, o livro presente contribui à sua maneira felizmente particular para uma reequação da deriva da estrutura de pensamento gnoseológico (“moderna”) da metafísica (“antiga”), e o A. anuncia-nos ulteriores publicações desta feita na casa francesa du Cerf. Para além daquela necessidade, que certamente o eminente discípulo de Gilson, Jean Paulus, o ajudou a equacionar, o A. argentino inscreve-se numa linha de orientação “tomista” de cunho gilsoniano em particular no que toca a uma filosofia do *esse* tal como ela aparece em *L’Etre et l’essence* (Paris, 1948; ed. ingl.: *Being and some philosophers*, Toronto, 1949) depois de ter sido entrevista em 1940 aquando da redacção do seu *God and Philosophy* (New Haven, 1941). Neste domínio, o A. poderia ainda ter recorrido a J. Maritain, *Court traité de l’existence et de l’existant* (Paris, 1947).

Seria precisamente aqui, nesta distinção entre metafísica da “essência” e da “existência”, que gostaríamos de nos deter, ressaltando sempre a extrema relevância da obra de D. Gamarra. É bem conhecida a crítica de vária proveniência que se tem dirigido à tese de Gilson (escolhamos um exemplo justamente em língua castelhana: L. Peña, *El ente y su ser*, Leão, 1985). Ora a adopção daquela perspectiva condiciona alguns aspectos da leitura histórica realizada. Estão neste caso certas páginas dedicadas a Henrique de Gand, que nos aparece como “teórico da essência e do conhecimento da essência” (p. 74) além de ser lido, aliás muito justamente, na dimensão mais genuína da procura de uma resposta à pergunta pelo ser (p. 98). Num livro a todos os títulos importante, curiosamente publicado nesse mesmo ano, J.-F. Courtine interpreta o teólogo de Gand também na direcção gnosiológica em que o *esse essentiae* adquire uma consistência epistémica já vinculada (cf. *Suarez et le système de la métaphysique*, Paris, 1990). Aliás, J. Pinborg pôde perseguir há algum tempo atrás uma linha significativa que une a temática do *esse essentiae* ao *esse objectivum* (cf. *Logik und Semantik im Mittelalter. Ein Überblick*, Estugarda, 1972). Parece-nos pois indiscutível esta particular componente gnosiológica

da qual inevitavelmente Henrique de Gand é criterioso herdeiro como se patenteia no pendor “crítico” das primeiras páginas da sua *Suma* de Teologia. Existe aliás uma abundante bibliografia sobre esta dimensão que o A. não mostra conhecer, permitindo-nos nós, por isso, remeter aqui para a nossa nota bibliográfica (in *Humanística e Teologia* 12, 1991, 113- 138) e para a bibliografia recolhida por P. Porro (*Enrico di Gand. La via delle proposizioni universali*, Bari, 1990, 175-98). Contudo, como J. Gómez Caffarena mostrou numa impressionante análise à metafísica henriquina (*Ser participado y ser subsistente en la metafísica de Enrique de Gante*, Roma, 1958) - estudo que aliás D. Gamarra ponderou -, logo desde aquelas páginas iniciais da *Suma* o teólogo flamengo não cuida tanto de gnosiologia quanto de metafísica fundamental. E o que a nosso ver há de mais interessante na tese de Gómez Caffarena resume-se precisamente no corpo de prova levantado na direcção daquilo que o filósofo espanhol veio a designar como uma “metafísica de la inquietud humana” inerente a um pensador da essência (in *L’Homme et son destin d’après les pensées du moyen-âge*, Lovaina- Paris, 1960, 629-34). Acrescentemos apenas que esta dimensão tem sido desenvolvida pormenorizadamente por R. Macken em vários estudos apostados em vincar o “dinamismo da essência” do teólogo de Gand (entre outros: “Les diverses applications de la distinction intentionnelle chez Henri de Gand”, *Sprache und Erkenntnis im Mittelalter*, Berlim, 1981, 769- 76; “Henry of Ghent & Augustine”, *Proceedings of the Conference ‘Ad litteram’: Authoritative Texts and their Medieval Readers*, no prelo) e acaba de ser retomada por P. Porro na obra já citada. Para nós não se trata de pôr em causa a pertinência metodológica assumida pelo presente estudo (seja dito de passagem que o A. a desenvolve com uma invulgar e invejável acribia), trata-se outrossim de relativizar certas interpretações que dependem daquela assunção, e fazêmo-lo precisamente na medida em que elas se mostram mais insensíveis para uma particular vertente do contributo henriquino a qual aliás poderia contribuir significativamente para condicionar a tese geral da obra ora em apreço. É o caso da presumível falta de complexidade do ser (p. 79); da afirmação de que estritamente considerada a criatura não comporta esse mas essentia (p. 81); ou ainda: Henrique de Gand reduz o ente à essência (p. 90) e não apresenta alternativa ao problema franciscano do exemplarismo e da visão de Deus (p. 96). Tais afirmações não podem ser tomadas sem especificação, como sabemos à luz dos trabalhos dos exegetas que acabamos de indicar.

Finalizaremos com algumas observações de diferente índole. Egídio Romano não foi o primeiro a utilizar a expressão esse essentiae (p. 65); já Rogério Bacon a ela recorria em contexto lógico (cf. J. Pinborg, *op. cit.*). Poder-se-ia ter remetido o leitor para as edições críticas já existentes, como acontece nos seguintes casos: p. 78, n. 26 e 27; p. 81, n. 30; p. 85, n. 41; p. 92, n. 51; p. 101, n. 65). Na perspectiva histórica desenvolvida, gostaríamos de ter visto um tratamento condigno à estatura de um Pedro da Fonseca. Muito recentemente António Martins mostrou numa rigorosa dissertação sobre a lógica e a ontologia nos *Comentários aos livros da Metafísica de Aristóteles* daquele autor, a importância que a dimensão cognitiva assume na metafísica de Fonseca e o papel crucial da sua distinção entre conceito formal e conceito objectivo de ens (cf. *Lógica e Ontologia em Pedro da Fonseca*, Faculdade de Letras, Coimbra, 1990, “pro manuscripto”). A edição de *Esencia e Objeto*, comportando algumas gralhas, não apresenta índices temático nem onomástico. Em contrapartida, a sua bibliografia é de evidente utilidade. Escusado será dizer que consideramos esta obra de Daniel Gamarra imprescindível em qualquer programa de gnosiologia ou de metafísica e esperamos atentamente a sua próxima publicação.

Mário A. Santiago de Carvalho